

# Do Cachimbo à Gabardine: O Mito do Detetive em Sherlock Holmes e Philip Marlowe

---

João Sottomayor Fernandes

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA, FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

Citation: João Sottomayor Fernandes. “Do Cachimbo à Gabardine: O Mito do Detetive em Sherlock Holmes e Philip Marlowe.” *Via Panoramica: Revista de Estudos Anglo-Americanos*, série 3, vol. 9, n.º 1, 2020, pp. 64-80. ISSN: 1646-4728. Web: <http://ojs.lettras.up.pt/>.

## Abstract

Both Sherlock Holmes and Philip Marlowe are a product of their time and reflect the ideas of their authors regarding the societies they were a part of. Curiously, whereas Holmes generally validates and defends the Victorian *status quo*, Marlowe considers American society to be corrupt. However, due to both men's moral values, as well as their identification with their trade, they represent models of conduct, which attributes to them a mythical quality.

**Keywords:** Sherlock Holmes; Philip Marlowe; Myth; Detective; Society.

## Resumo

Tanto Sherlock Holmes como Philip Marlowe são um produto do seu tempo e refletem as impressões dos seus autores relativamente à sociedade nas quais estavam inseridos. Curiosamente, enquanto Holmes geralmente valida e defende o *status quo* vitoriano, Marlowe considera a sociedade americana corrupta. No entanto, devido aos valores morais de ambos os homens, bem como à sua identificação com o seu ofício, os detetives representam modelos de conduta, o que lhes atribui um carácter mítico.

**Palavras-chave:** Sherlock Holmes; Philip Marlowe; mito; detetive; sociedade.

## Introdução

Desde o século XIX, o detetive privado tem assumido a forma de um mito, investigando crimes aparentemente impossíveis de resolver e encontrando sempre os responsáveis

pelos mesmos através de um complexo processo de raciocínio. Apesar de não terem poderes sobrenaturais, estes homens e mulheres exibem uma inteligência e conhecimento da natureza humana extraordinários, pelo que dificilmente alguém os conseguiria imitar.

No presente trabalho, discutiremos as características do mito do detetive vitoriano e *hard-boiled* principalmente nas figuras de Sherlock Holmes e Philip Marlowe. Naturalmente, quando falamos de “mito”, não nos estamos a referir a uma história da Criação do Homem, mas sim ao que Mircea Eliade considera “le mythe . . . «vivant», en ce sens qu'il fournit des modèles pour la conduite humaine et confère par là même signification et valeur à l'existence” (12). No caso de cada detetive, é necessário explicitar as condições sociais das cidades em que cada investigador vive, uma vez que os crimes que ambos investigam são frequentemente típicos da sua época e da sua sociedade. Além disso, uma vez que tanto Holmes como Marlowe possuem características únicas, explicitaremos tanto estas como aquelas que partilham com os demais detectives literários.

## 1. “*When you Eliminate the Impossible. . .*”: Holmes como detetive vitoriano

### 1.1 C. Auguste Dupin e o início do mito

Seria prematuro discutir a personalidade e os métodos de Sherlock Holmes sem antes abordar o seu “antepassado” literário, Auguste Dupin, e também a ficção policial anterior à criação desta personagem. No século XVIII, foi publicada uma série de biografias de criminosos conhecidos intitulada *The Newgate Calendar*. O seu objetivo seria o de explicitar a qualquer pessoa tentada a cometer um crime as punições que resultam do ato. No entanto, curiosamente, na primeira metade do século XIX, surgem os chamados *Newgate Novels*, romances que apresentavam os protagonistas criminosos como heróis (Worthington 14, 19). Entretanto, também no século XIX, são publicados os *penny dreadfuls*, ficção policial barata que visa o entretenimento do leitor (Pittard). Charles Dickens, por sua vez, chegou a escrever vários artigos sobre o trabalho policial. Segundo Worthington, “it was his [Dickens'] detective police anecdotes which brought the detective force to the attention of the public and contributed to the proliferation of detective narratives that appeared in the periodicals and the yellow-back novels of the 1850s and 60s” (21). Finalmente, resta referir que, apesar da associação quase exclusiva da literatura policial vitoriana com Holmes, na verdade vários autores publicaram obras do género com outros detetives. Estas acabaram por fazer parte duma antologia intitulada *The Rivals of Sherlock Holmes* (Pittard).

C. Auguste Dupin foi criado pelo autor americano Edgar Allan Poe e surge pela primeira vez em 1841 no conto *Murders in the Rue Morgue*. Neste, Dupin investiga o homicídio de duas mulheres e, através apenas de uma análise da cena do crime, deduz que o responsável foi um orangotango (Poe 162). Encontramos nas histórias de Dupin muitas das mesmas características que verificamos nos romances de Sherlock Holmes. Por um lado, o detetive francês demonstra uma capacidade de raciocínio excepcional, muito superior àquela das demais personagens. Além disso, aparenta entender algo de ciência, pois soube que o pêlo que se encontrava na cena do crime pertencia a um primata. Por outro lado, Dupin isola-se da sua sociedade, tendo como único amigo o narrador que conheceu quando procuravam o mesmo livro numa biblioteca (Poe 143). Não lhe interessam os bens materiais, nem tem uma vida social ou amorosa ativa.

Na verdade, Dupin não aparenta possuir uma personalidade muito complexa; sabemos que é um homem bastante solitário e que participa pouco na sociedade francesa. No entanto, não nos é referido nada do seu passado, nem mesmo em que circunstâncias o detetive aprendeu a raciocinar ou por que razão se isola. A sua identidade está inteiramente interligada às suas funções como personagem, nomeadamente a restauração da ordem, a punição dos indivíduos responsáveis pela sua rutura temporária e o impedimento da existência de piores males do que aqueles que já foram feitos. Segundo Julian Symons: “Aristocratic, arrogant, and apparently omniscient, Dupin is what Poe often wished he could have been himself, an emotionless reasoning machine” (qtd. in Pittard n.p.).

O narrador, por sua vez, também sofre de uma ausência de identidade semelhante a Dupin. O seu papel em relação ao detetive francês é, grosso modo, o mesmo que o Dr. Watson desempenha nas histórias de Sherlock Holmes, isto é, narra os acontecimentos e surpreende-se pela capacidade de raciocínio do seu amigo. No entanto, sabemos ainda menos do companheiro de Dupin do que do próprio detetive. Para Poe, estes contos policiais consistiam essencialmente em ensaios acerca do raciocínio e da sua capacidade para resolver crimes. Assim sendo, não era necessário para o autor efetuar descrições aprofundadas relativamente à personalidade e às vidas privadas destas personagens. Não obstante, esta ausência de identidade quase total formou parte do mito do detetive privado que tanto Conan Doyle como os autores de romances *hard-boiled* explicitam como parte fulcral de Holmes, Marlowe e vários outros.

## 1.2 As ruas escuras de Londres

Durante o reinado da rainha Vitória (1838-1901), sentiu-se um crescimento

significativo a nível da densidade populacional de Londres, ao ponto de se tornar na maior cidade do mundo da altura. Por consequência, também houve um acréscimo da criminalidade. Talvez o exemplo mais infame deste fenómeno seja o caso de Jack, o Estripador, que assassinou pelo menos cinco mulheres impunemente em 1888, aterrorizando não só o distrito de Whitechapel mas a cidade inteira. Segundo Lucinda Hekhuis, "every part of the city participated in the crime: the fog, caused by fumes, the darkness, caused by fog and the lack of gas lights and the topographical situation, because the city had too many dark and isolated alleys" (19). De facto, todas estas características tornavam Londres num local propício para todo o tipo de crimes, razão pela qual Conan Doyle decidiu colocar o seu detetive na mesma (Hekhuis 19). Por outro lado, Londres possuía um atributo importante: era a capital simbólica dos ideais vitorianos.

Segundo Rúben Correia, "O detective do século XIX investiga conforme a ideia que [sic] o crime é estritamente o resultado de motivações individuais, reafirmando paralelamente a validade da ordem social existente" (64). Do princípio ao fim do policial vitoriano, ocorre uma "metamorfose das intenções por detrás do crime: algo potencialmente perigoso e perturbador da ordem social é transformado em algo aparentemente sob controlo" (64).

### 1.3 O mito Holmesiano

Inúmeros textos foram escritos relativamente a Holmes. Entre eles, podemos encontrar discussões acerca da etnicidade do detetive, dos livros que formariam a sua biblioteca e mesmo dos seus pais (Griswold 9). No entanto, uma das características fundamentais de Holmes (e de diversos detetives privados) é precisamente a relativa ausência de informação de que dispomos relativamente a dados biográficos. De facto, não podemos extorquir muita informação das obras de Conan Doyle, exceto no romance *A Study in Scarlet* (o primeiro que o autor escocês escreveu com o detetive) e em casos pontuais nalguns contos. Tomando em consideração o que foi referido nas subsecções anteriores, podemos dividir o mito holmesiano em duas partes: a do investigador e a do homem vitoriano.

O Dr. Watson efetua a seguinte avaliação dos conhecimentos de Holmes:

Knowledge of literature - nil

Knowledge of philosophy - nil

Knowledge of astronomy - nil

Knowledge of politics - feeble

Knowledge of botany - variable. Well up in belladonna, opium and poisons generally.

Knows nothing of  
practical gardening  
. . .  
Knowledge of chemistry - profound  
Knowledge of anatomy - accurate, but unsystematic  
Knowledge of sensational literature - immense. He appears to know every detail of  
every horror perpetrated in the century. (Doyle, 20-1)

O intelecto de Holmes está inteiramente direccionado para um propósito: o seu ofício. Como a filosofia e a literatura não são úteis para a investigação de um crime, o detetive nunca se deu ao incómodo de as estudar. O mesmo se passa com a jardinagem, apesar de Holmes ter conhecimento de plantas venenosas que podem ser utilizadas para fins homicidas. Na verdade, nada parece ser tão importante para Holmes como uma investigação difícil. Aliás, apesar de não ser rico, o detetive não obriga nenhum cliente a pagar pelos seus serviços, decidindo guardar para si a prerrogativa de aceitar ou recusar um caso consoante o seu fascínio pelo mesmo.

Entre investigações, o detetive leva uma vida excessivamente sedentária, passando o seu tempo a tocar violino, a fumar o seu cachimbo, a consumir cocaína ou pura e simplesmente a repousar no seu sofá. Não tem (nem, pelo que parece, alguma vez teve) uma relação amorosa, nem amigos para além de Watson. Além disso, pouco se sabe do seu passado ou da sua família, para além de que tem um irmão chamado Mycroft. Tal como ocorre com Dupin - apesar de, ironicamente, Holmes descrever o detetive de Poe em *A Study in Scarlet* como “a very inferior fellow” (Doyle 24) - a identidade de Holmes está quase totalmente ligada ao seu cargo, sendo a sua vida privada quase inexistente. Isto tudo é confirmado pelo próprio Watson, que afirma: “. . . I find myself regarding as an isolated phenomenon, a brain without a heart, as deficient in human sympathy as he was pre-eminent in intelligence. His aversion to women and his disinclination to form new friendships were both typical of his unemotional character . . .” (Doyle 785).

Rúben Correia explica o papel que Holmes desempenha na sua relação com o leitor vitoriano da seguinte forma:

O leitor comum confia em Holmes para o proteger dos indivíduos com comportamentos desviantes daqueles tidos como normais na sociedade. Holmes transmite ao leitor a ideia de segurança, assegurando-o do efectivo controlo da criminalidade. O leitor, não possuindo os poderes do herói, precisa dele para pôr cobro às actividades criminosas. Holmes move-se à vontade em paisagens sociais muito diversas, fazendo dele o espelho do conceito da autonomia, a grande virtude

Uma vez que muitos vitorianos, tal como Holmes, consideravam a sua cultura superior à de todos os outros povos, nunca verificamos nas histórias do detetive críticas à sociedade vitoriana. Ideias como o crime organizado ou a corrupção sistemática na política não figuram nas obras de Conan Doyle. Muito pelo contrário, os maiores casos do detetive inglês envolvem ataques aos valores morais do *status quo*, que são efetuados única e exclusivamente por um indivíduo ou um pequeno grupo.

Ainda segundo Correia, “Doyle está atento às preocupações da classe média burguesa cujo objectivo é proteger-se e prosperar, criando histórias onde se retratam as possíveis ameaças para este grupo social vindas dos meandros da criminalidade” (49). De facto, quando falamos na contribuição de Sherlock para o *status quo*, surge-nos a figura do seu irmão Mycroft Holmes. Este é descrito pelo seu irmão mais novo em *The Bruce-Partington Plans* da seguinte forma: “He has the tidiest and most orderly brain, with the greatest capacity for storing facts, of any man living. . . . occasionally, he is the British Government. . . . Again and again his word has decided the national policy” (Doyle 1147). De facto, ao contrário de Sherlock, que auxilia a sua comunidade apenas indiretamente através da resolução de casos, Mycroft utiliza a sua inteligência e memória prodigiosas (e superiores às do seu irmão) ao serviço direto do governo britânico. Assim sendo, o irmão mais velho do detetive representa o *status quo*, colocando-se numa posição superior à de Sherlock a nível de homem vitoriano.

Holmes e Watson também seguem um código de masculinidade vitoriana que aliciava a sua audiência maioritariamente masculina. Com a evolução da industrialização e o surgimento da *New Woman*, muitos homens procuravam um homem cuja conduta pudessem admirar e imitar o melhor possível (Griswold 2). Para começar, o manual de escutismo de Robert Baden-Powell enfatiza as qualidades de inteligência, coragem, lógica e companheirismo. Holmes possui todas estas características, a última delas em relação a Watson (Griswold 7).

Por outro lado, nenhum dos dois detetives alguma vez maltrata uma mulher e chegam a defendê-las tanto de maus tratos como de acusações injustas. Por exemplo, em *The Sussex Vampire*, um homem acusa a sua mulher de tentar beber o sangue do filho de ambos, mordendo-lhe o pescoço. Holmes descobre com relativa facilidade que a mulher estava a tentar tirar veneno à criança que fora injetado pelo filho mais velho do homem e que não queria confessar ao marido sob pena de lhe causar um desgosto (Doyle 1305). Em *A Scandal in Bohemia*, Irene Adler consegue descobrir o disfarce do detetive, algo que Holmes considera uma derrota, passando a tratar Adler como “the woman” (448). No entanto, o detetive britânico menospreza a inteligência feminina

em geral - “He [Holmes] used to make merry over the cleverness of women” (448) -, demonstrando a mentalidade tradicional vitoriana que o lugar da mulher é a casa, no papel de *Angel in the House*.

Holmes também é capaz de manter a razão mesmo em situações desesperantes, ao contrário das demais personagens. O próprio Watson demonstra ser um homem exemplar não só devido à sua coragem, que é idêntica à de Holmes, mas também por ter sido médico e ter curado soldados na Índia. Além disso, o doutor acaba por se casar, desempenhando o segundo papel atribuído a um homem vitoriano (sendo o primeiro representado por Holmes pela sua independência), o de marido e chefe de família (Griswold 20). Mesmo o uso prático do conhecimento científico para preservar a sociedade era algo visto como admirável num vitoriano, pois considerava-se que um homem com um conhecimento enciclopédico de ciência forense conseguiria resolver qualquer caso (Griswold 11).

Curiosamente, o mito holmesiano está incompleto sem uma quarta personagem: o professor Moriarty. Apesar de estar presente em apenas um conto, *The Final Problem*, este desempenha um papel especial no universo de Holmes, por um lado por fazer de Holmes um dos únicos detetives literários com um némesis e por outro por ser intelectualmente idêntico a Holmes, excepto do lado oposto da lei. De facto, em *The Final Problem*, o professor luta contra o detetive e quase o mata (na verdade, a intenção de Conan Doyle era atribuir uma cena de morte a ambos, para dar um fim definitivo a Holmes, mas a pressão popular forçou o autor a “ressuscitar” o seu detetive).

Em *The Valley of Fear*, Holmes descreve Moriarty da seguinte forma:

The greatest schemer of all time, the organizer of every devilry, the controlling brain of the underworld, a brain which might have made or marred the destiny of nations—that’s the man! But so aloof is he from general suspicion, so immune from criticism, so admirable in his management and self-effacement, that for those very words that you have uttered he could hale you to a court and emerge with your year’s pension as a solatium for his wounded character. (Doyle 308)

Moriarty representa assim o pior pesadelo da sociedade vitoriana a nível do crime: um homem com o intelecto de Holmes e que consegue explorar os *mores* da sua cultura a fim de se proteger da punição legal e mesmo da condenação social. Era impensável para os ingleses na altura imaginar que uma pessoa pudesse cometer crimes impunemente ao abrigo das suas leis e costumes, pois isso significaria que a sociedade vitoriana tinha falhas inerentes.

Em suma, independentemente do que se altera no universo do detetive britânico em filmes e romances escritos por outros autores (a época, os valores sociais, a cidade, o vestuário, etc.), há uma série de elementos que permanecem imprescindíveis: Holmes tem uma capacidade de raciocínio brilhante, um amigo chamado Dr. Watson que o acompanha quase sempre, um irmão chamado Mycroft que trabalha para o governo e um rival criminoso chamado James Moriarty. É certo que podemos, por exemplo, imaginar como seria a vida de Holmes se este fosse menos inteligente. No entanto, se fazemos isso, estamos a retirar à personagem aquilo que a torna inigualável e que mais gostaríamos de possuir. Por este motivo, o detetive inglês perderia assim o seu cariz mítico.

## **2. “*Trouble is my Business*”: Philip Marlowe, um ovo duro de roer**

### **2.1 O surgimento dos detetives *hard-boiled***

Segundo Horsley, o detetive *hard-boiled* consiste essencialmente numa adaptação do herói do Velho Oeste colocada num ambiente urbano. Assim sendo, este investigador herda dos *cowboys* o seu feitio estóico e destemido. A expressão *hard-boiled* provém de *hard-boiled egg*, ou seja, um ovo excessivamente cozido que ficou duro. O primeiro autor de romances deste género foi Carroll John Daly. O seu detetive, Race Williams, aparece pela primeira vez em *The Snarl of the Beast*, publicado em 1927 (Moore 8). As histórias de Daly iriam aparecer maioritariamente na *Black Mask Magazine*. Segundo Deutsch, esta revista, que surgiu pela primeira vez em 1920 e foi fundada por H.L. Mencken, incluía histórias de aventura, mistério e do oculto e iria ver a publicação das obras de vários outros autores de policiais como Dashiell Hammett, Paul Cain e Raymond Chandler.

Race Williams já exhibe algumas características do detetive *hard-boiled*, sendo alvo de conflitos violentos e possuindo uma maneira de falar espirituosa. No entanto, apesar de o detetive de Daly ser o primeiro do seu género, aquele que se considera ter iniciado a tradição *hard-boiled* é Sam Spade de Dashiell Hammett, como veremos mais adiante. Tradicionalmente, o detetive *hard-boiled* é um indivíduo do sexo masculino, tem uma postura geralmente estóica e enverga uma gabardine. Além disso, fuma e consome bebidas alcoólicas com frequência. No entanto, convém notar que esta descrição não se aplica exclusivamente aos detetives deste género. Por exemplo, o agente da polícia Dick Tracy e o tenente Columbo da série de televisão dos anos 70 são também conhecidos pelo uso constante das suas gabardines. Além disso, fumar é um vício que quase todos os detetives literários partilham. Seja como for, a imagem mais

bem conhecida no mundo cinematográfico do detetive *hard-boiled* é a do ator Humphrey Bogart, que interpretou Spade em *The Maltese Falcon* (1941) e Marlowe em *The Big Sleep* (1946).

A melhor forma de distinguir um *hard-boiled* dos demais investigadores é através dos seus maneirismos e das suas atitudes. O detetive deste género costuma ser franco nas suas interações tanto com aliados como com inimigos. O seu método de investigação é relativamente simples, consistindo maioritariamente na boa interrogação dos suspeitos e na análise dos pertences destes. Além disso, não se coíbem de cometer alguns crimes quando necessário (se bem que nunca um homicídio), como entrar sem permissão em casas ou mentir à polícia. Por outro lado, os detetives *hard-boiled* metem-se em situações mais violentas que os seus colegas vitorianos, envolvendo-se muitas vezes em sequestros, tiroteios ou combate corpo-a-corpo. Aliás, não é raro serem os primeiros a encontrar um cadáver no decorrer de uma investigação.

O ensaio de Raymond Chandler, *The Simple Art of Murder*, define, no seu penúltimo parágrafo, o investigador *hard-boiled* da seguinte forma:

He must be a complete man and a common man and yet an unusual man. He must be . . . a man of honor, by instinct, by inevitability, without thought of it, and certainly without saying it. . . . He talks . . . with rude wit, a lively sense of the grotesque, a disgust for sham, and a contempt for pettiness. (n.p.)

Esta caracterização combina perfeitamente com o detetive de Chandler, mas não com todos os investigadores anteriores ou posteriores a Marlowe. Segundo Horsley, entre os anos 30 e 40, verificamos dois tipos de detetive *hard-boiled*: aquele que se distingue pela sua superioridade moral (como Marlowe) e aquele que sucumbiu ao relativismo moral da sociedade em que vive (como Sam Spade). De facto, a cara deste é comparada por Hammett no romance *The Maltese Falcon* à de Satanás: “He looked rather pleasantly like a blond satan” (9). Esta comparação é um indício da natureza fria e manipuladora do detetive e mesmo do desfecho da obra, pois Spade, apesar de aparentar ter-se apaixonado por Brigid O’Shaughnessy, a mulher que assassinou o seu parceiro Miles Archer, acaba por a entregar à polícia com relativa indiferença. Na verdade, segundo Rockler, o romance em questão tem uma feição existencialista, algo que é evidenciado por dois episódios: a história que Spade conta a O’Shaughnessy acerca de um homem que fugiu da sua família e do seu emprego para ter uma vida idêntica noutra país, e a razão que o detetive dá à *femme fatale* para explicar por que razão a vai prender:

You'll never understand me, but I'll try once more and then we'll give it up. Listen. When a man's partner is killed, he is supposed to do something about it. It doesn't make any difference what you thought of him. He was your partner and you're supposed to do something about it. Then it happens we were in the detective business. Well, when one of your organization gets killed it's bad business to let the killer get away- bad for the organization and bad for every detective everywhere. Third, I'm a detective and expecting me to run criminals down and let them go free is like asking a dog to catch a rabbit and then let it go. (Hammett 255)

Tal como acontece com Holmes, a característica fundamental da identidade *hard-boiled* não é ser homem ou ser humano, mas sim ser detetive, ou seja, apanhar os criminosos sem cometer ele próprio um crime grave. Por esta mesma razão, Spade abdica de uma vida amorosa com O'Shaughnessy. Além disso, sente repugnância pela viúva do seu parceiro quando esta pensa que foi o detetive que matou Archer para se casar com ela, ofendido por ela crer que ele pudesse cometer tal atrocidade (Hammett 34-5).

O segundo detetive de Hammett, Continental Op, chega ao extremo na sua identificação com o seu ofício, na medida em que nunca revela o seu verdadeiro nome, sendo sempre conhecido apenas por ser um empregado da agência de detetives Continental. Finalmente, é imprescindível abordar a forma como os *hard-boiled* interagem com as mulheres. Na verdade, Carroll John Daly nunca criou personagens femininas malévolas. Tal como ocorre com as histórias de Sherlock Holmes, as mulheres são levadas a cometer atos criminosos devido à influência dos homens que, por sua vez, assumem feições intrinsecamente imorais (Moore 29-30).

Em contrapartida, nem Hammett nem Chandler se coíbem de explorar as formas como as mulheres (particularmente as mais atraentes) podem ser cruéis, manipuladoras e egoístas. Para os autores, não é por serem do sexo feminino que são imunes ao relativismo moral da sua sociedade. Nasce assim o arquétipo da *femme fatale*, que seduz e mata uma ou mais personagens masculinas, e põe à prova a incorruptibilidade do detetive, que consegue sempre puni-la de alguma forma.

## 2.2 As *Mean Streets* de Los Angeles

Entre as duas guerras mundiais, surgiu uma série de acontecimentos sociais e políticos para os quais a sociedade americana estava mal preparada. Verificamos a implementação da conhecida *Prohibition* de bebidas alcoólicas que durou de 1920 a 1933. Isto, por sua vez, levou a um acréscimo da atividade criminal praticada por

*gangsters*, que vendiam álcool a quem estivesse disposto a quebrar a lei. Além disso, tornaram-se evidentes as ligações entre o crime organizado, os políticos e a força policial. Isto resultou num forte pessimismo por parte de tanto americanos como europeus, que se viam no dilema moral de ou explorar o sistema de forma desonesta, ou de permitir a sua vitimização pelo mesmo (Horsley). Em nenhuma cidade americana seria esta decadência moral mais evidente do que em Los Angeles. De facto, a própria fundação da cidade foi efetuada a partir do roubo do México, pelo que padece desde o início de uma corrupção inerente (Fanning 26).

Quando Chandler escreveu os seus romances, Los Angeles era vista como a capital da economia de mercado livre. Por conseguinte, atraiu imensos americanos provenientes dos estados do Leste à procura de emprego. No entanto, a cidade estava marcada por uma nítida regressão a nível do desenvolvimento social, na medida em que as classes altas controlavam todos os meios de produção e as baixas empobreciam consistentemente (Fanning 24).

Como verificaremos no subcapítulo seguinte, as obras de Chandler refletiam várias vezes as tensões sociais da época, exibindo empatia para com os desfavorecidos, independentemente do seu género, raça ou classe social. Além disso, as posições de maior influência política eram muitas vezes tomadas por mafiosos ou funcionários públicos corruptos, pelo que sentimos sempre nas histórias de Marlowe que é efetivamente o crime que governa a cidade, sendo a integridade moral desprezada por qualquer pessoa que ambiciona enriquecer em Los Angeles. Enquanto nas obras de Conan Doyle, os agentes da Scotland Yard eram pouco inteligentes mas ainda assim honestos, a força policial americana muitas vezes coibia-se de cometer crimes tão pouco quanto os mafiosos, resultando numa forte desconfiança por parte da população (Fanning 20).

Num país que idealiza o sonho americano, ou seja, a ideia de que quem trabalha consegue sempre ter uma vida próspera e feliz, os romances de Chandler revelam a verdade perturbadora de que há imensas pessoas condenadas à pobreza, independentemente da sua integridade profissional e da sua dedicação ao seu ofício.

### **2.3 Philip Marlowe, o D. Quixote de Los Angeles**

Tal como ocorre com Holmes, analisar o mito do detetive privado em Marlowe requer uma discussão deste como investigador e como cidadão do seu país. Começaremos então por comparar a personagem de Chandler com os demais detetives *hard-boiled* e subsequentemente discutiremos de que forma difere dos mesmos.

No romance *The Big Sleep*, encontramos o seguinte parágrafo logo na primeira

página:

I am a licensed private investigator and have been for quite a while. I'm a lone wolf, unmarried, getting middle-aged, and not rich. I've been in jail more than once and I don't do divorce business. I like liquor and women and chess and a few other things. The cops don't like me too well, but I know a couple I get along with. I'm a native son, born in Santa Rosa, both parents dead, no brothers or sisters, and when I get knocked off in a dark alley sometime, if it happens, as it could to anyone in my business, nobody will feel that the bottom has dropped out of his or her life. (Chandler, *The Big Sleep* 1)

Esta descrição do detetive podia, grosso modo, ser aplicada a qualquer investigador *hard-boiled*, principalmente a admitida insignificância da sua possível morte violenta. Tal como ocorre com Sam Spade e Continental Op, os métodos de Marlowe são muito diferentes dos de Sherlock Holmes. Para além de aparentar não possuir conhecimento de química, o detetive americano não consegue deduzir nada de extraordinário pela aparência física das pessoas. A sua maior arma é a sua experiência profissional, que lhe permite saber onde e como encontrar a informação necessária relativa aos seus suspeitos. Tal envolve frequentemente cometer atos socialmente inaceitáveis como interagir com membros do crime organizado como Eddie Mars em *The Big Sleep* (Chandler 74-82). Por consequência, confronta várias situações fatalmente perigosas, sendo várias vezes violentamente agredido por criminosos, como em *Farewell, My Lovely* (Chandler 161-2). Apesar de ter matado vários homens em autodefesa, apenas um é revelado ao leitor e unicamente no romance *The Big Sleep* (Chandler 220).

Após examinar as cenas do crime e interrogar os suspeitos, Marlowe serve-se das suas capacidades de raciocínio para deduzir o motivo que levou o criminoso a cometer o crime. No entanto, a informação de que dispõe nem sempre está completa, o que o leva ocasionalmente a cometer erros, como crer que a sua cliente em *The Little Sister* matou um homem (Chandler 279-80). De facto, ao contrário do que ocorre com Holmes, podemos verificar nos romances de Chandler uma ausência de provas científicas que apontam para um determinado suspeito, o que força Marlowe a seguir palpites e ter em atenção as reacções das pessoas a certas perguntas.

Outra semelhança que Marlowe partilha com os demais detetives *hard-boiled* encontra-se nas suas interações com as mulheres. Apesar de Marlowe frequentemente confrontar *femmes fatales*, o detetive evita sempre ser manipulado. Em *The Big Sleep*, não se deixa seduzir pelas filhas do seu cliente, chegando a comentar que: “It's

so hard for women - even nice women - to realize that their bodies are not irresistible” (Chandler 170). Em contrapartida, Marlowe sabe quase sempre quando as personagens femininas se sentem fisicamente atraídas por ele e aproveita esta atracção para extorquir informação das mesmas. No entanto, nunca fala nem age de forma sedutora, optando sempre por uma postura carismática e estóica que evidencia a sua incorruptibilidade. Por outro lado, Marlowe não se coíbe de falar com as mulheres de forma agressiva quando crê que tem motivos para isso, como quando sente que está a ser usado pela sua cliente, Mrs. Murdock, em *The High Window*, chegando a insultá-la por esta lhe ter ocultado vários detalhes sobre o caso (Chandler 173). Não obstante, o detetive privado simpatiza genuinamente com algumas personagens femininas como Anne Riordan em *Farewell, My Lovely*, que elogia a coragem e força de espírito de Marlowe (Chandler 302). De facto, no início do romance *Poodle Springs*, que Chandler nunca terminou devido ao seu falecimento, Marlowe estaria casado com Linda Loring, que conhece em *The Long Goodbye*, apesar de o matrimónio ser extremamente raro em detetives *hard-boiled*. Não obstante todas estas semelhanças, o detetive de Chandler exhibe algumas diferenças em relação a Spade e Williams.

Para começar, Marlowe não tem nem uma secretária nem amigos na força policial. A sua hostilidade para com a polícia deve-se à referida corrupção geral da mesma, evidenciada em *The Lady in the Lake*, no qual Marlowe é forçado a beber álcool, agredido e preso por crimes que não cometeu (Chandler 185-6). Assim sendo, o detetive consegue ser ainda mais solitário do que os seus semelhantes literários. No entanto, a sua solidão é a chave da sua independência, uma vez que não tendo família, Marlowe também não tem nada a perder excepto a sua vida, que está disposto a colocar em risco por 40 dólares por dia.

O detetive também tem alguns interesses intelectuais, gostando de ler poesia e de reproduzir partidas de xadrez jogadas por profissionais, nunca tendo, no entanto, a oportunidade de jogar com outra pessoa. Marlowe tem um feitio quixótico e altruísta, seguindo sempre um código de honra, tal como Chandler refere no seu ensaio. Isto faz dele um rebelde numa sociedade em que toda a gente tem o seu preço. Por exemplo, em *The Little Sister*, o detetive aceita generosamente um caso por um pagamento único de 20 dólares (apesar de geralmente cobrar 40 dólares por dia e qualquer despesa que tenha) e acaba por ajudar uma atriz a proteger a sua irmã, apesar de esta ser uma rapariga egoísta e obcecada com o dinheiro, o que repugna Marlowe (Chandler 15, 281). Em *The Long Goodbye*, o detetive recusa-se a ceder à pressão policial de fazer uma confissão falsa em como auxiliou um amigo seu acusado de homicídio a

fugir, pelo que passa 3 dias na prisão (Chandler 44-8). Mesmo em *The High Window*, chega a salvar uma rapariga da chantagem emocional da sua empregadora (Chandler 266-7). Além disso, é possível que a recusa de Marlowe em investigar casos de divórcio seja por repugnância moral em auxiliar um cônjuge a explorar financeiramente o outro. De facto, a importância que este detetive dá à honestidade e à ética é a razão principal pela qual ele não enriquece. Se Marlowe ameaçasse vender os segredos dos seus clientes, se se juntasse ao crime organizado ou aceitasse a corrupção policial, provavelmente estaria numa posição economicamente mais favorável. No entanto, recusa-se a tal, e é punido pela sua sociedade com o isolamento e a pobreza, ao contrário dos americanos que aceitaram o *status quo*.

O detetive tem uma impressão bastante negativa da cultura americana. Encontramos talvez o exemplo mais explícito disso no romance *The Little Sister*. Neste, Marlowe faz um retrato nada lisonjeador da cultura hollywoodesca. Por um lado, afirma sentir repugnância pelas atrizes que fingem ter atingido a fama pelo seu talento, quando na verdade tiveram relações com homens em posições elevadas - "Screen stars, phooey. The veterans of a thousand beds." (Chandler, *The Little Sister* 92) - e pela hipocrisia do mundo do espectáculo - "More wind-blown hair and sunglasses and attitudes and pseudo-refined voices and water-front morals" (94). Por outro, critica o consumismo sentido na Califórnia, referindo-se ao estado americano como: "the department-store state. The most of everything and the best of nothing" (93). Finalmente, mostra empatia pelos homens e mulheres que trabalham arduamente por salários baixos, sendo a sua existência escondida por luzes de néon esteticamente agradáveis a quem não conhece a realidade social de Los Angeles (92).

Curiosamente, Marlowe entende que não são apenas as classes baixas que sofrem, simpatizando ocasionalmente com pessoas abastadas. Exemplo disso é o general Sternwood em *The Big Sleep*, que procura proteger Carmen, a sua filha mais nova, de tentativas de chantagem. Quando o detetive encontra a rapariga nua e drogada na casa do seu chantagista, leva-a a casa sem dizer a Sternwood, a fim de o poupar de um desgosto (Chandler 42-3).

Também é referida uma injustiça racial em *Farewell, My Lovely*, quando um capitão da polícia revela que a investigação de um homicídio está a decorrer de forma negligente, uma vez que a vítima foi um homem negro (Chandler 122). Apesar de a sua conduta ser geralmente imaculada, Marlowe ocasionalmente comete atos imorais. Em *Farewell, My Lovely*, embriaga uma mulher para esta lhe revelar informação, sentindo remorsos subsequentemente: "I liked getting her drunk for my own sordid purposes. I was a swell guy. . . . You find almost anything under your hand in my business, but I

was beginning to be a little sick at my stomach” (Chandler 33). Em *The Little Sister*, após o detetive descobrir a verdadeira assassina e que não a pode prender, vê um homem dirigir-se ao seu apartamento para a matar e não a salva (Chandler 297).

Os homicídios que Marlowe resolve são sintomáticos da sociedade em que vive. No entanto, para além da punição dos criminosos, é-lhe impossível destruir a corrupção e o crime organizado que fazem parte intrínseca da vida de Los Angeles. Neste aspeto, o detetive americano encontra-se em profundo contraste com os vitorianos, que não consideravam a sua sociedade imoral.

Em suma, Marlowe é o herói de que a sua cidade necessita mas não merece, pois a obsessão pelo materialismo e a decadência moral impede-a de atingir o ideal romântico do investigador. Tal como Holmes, o detetive de Chandler representa um ideal, alguém que toda a gente devia imitar. No entanto, enquanto o detetive britânico aparenta conseguir corrigir todos os defeitos da sua sociedade, o americano demonstra que tal não é possível para um único homem, por muito nobre e astuto que este seja.

### **Conclusão**

Estudando estes detetives, verificamos que existe uma série de elementos que passaram do detetive vitoriano para o *hard-boiled*: a identificação com o ofício acima de tudo, o código de honra, a independência e o conhecimento da natureza humana. No entanto, existe um contraste explícito na relação de Holmes e Marlowe com o *status quo*: enquanto o vitoriano luta para manter a sua estabilidade, o americano critica-o constantemente, ao ponto de a sua própria existência ser uma forma de rebelião contra o mesmo. Podemos verificar que tanto no caso de Holmes como no de Marlowe, a conduta do detetive é um reflexo da forma como os seus autores (e boa parte da sociedade em que vivem) viam a sua cultura, tanto a nível das diferenças entre classes sociais, como no aspeto político e económico. Ao longo dos anos, tanto Holmes como Marlowe inspiraram romances, filmes, séries de televisão e mesmo videogames. No entanto, ambas as personagens mantêm, grosso modo, as mesmas qualidades que possuem nas obras originais. Além disso, mesmo no século XXI, continuamos a ambicionar o intelecto de Holmes, bem como a sua capacidade de solucionar casos aparentemente irresolúveis. Quanto a Marlowe, é difícil não admirar a sua coragem e incorruptibilidade. Tanto pelas suas características inalteráveis, como pela sua função de inspirar as pessoas a ser mais morais e perspicazes, ambos os detetives preservam o seu cariz mítico e excepcional.

## Obras Citadas

Chandler, Raymond. *Farewell, My Lovely*. Penguin Books, 2010.

---. *The Little Sister*. Penguin Books, 2010.

---. *The Big Sleep*. Penguin Books, 2011.

---. *The High Window*. Penguin Books, 2011.

---. *The Lady in the Lake*. Penguin Books, 2011.

---. *The Long Goodbye*. Vintage Crime/ Black Lizard, 1992.

---. "The Simple Art of Murder." *utexas*,

<http://www.en.utexas.edu/amlit/amlitprivate/scans/chandlerart.html>. Acesso a 17/09/2020.

Correia, Rúben. *A Emergência de uma Literatura Policial Nativa-Americana: Tony Hillerman, Carole Lafavor e Louis Owens*. Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, 2008.

Deutsch, Keith Alan. "Black Mask History." *Blackmaskmagazine*, <http://www.blackmaskmagazine.com/black-mask-history>. Acesso a 17/09/2020.

Doyle, Arthur Conan. *The Complete Stories of Sherlock Holmes*. Wordsworth, Editions Limited, 2007.

Eliade, Mircea. *Aspects du Mythe*. Gallimard Idées, 1963.

Fanning, Christopher Michael. *Mediating the Classes in Noir Fiction: Hierarchies in American Noir, Detective and Crime Texts*. Tese de Mestrado, San Diego State University, 2011.

Griswold, Amy Herring. *Detecting Masculinity: The Positive Masculine Qualities of Fictional Detectives*. Tese de Doutorado, University of North Texas, 2007.

Hammett, Dashiell. *The Maltese Falcon*. CRW Publishing Limited, 2013.

Hekhuis, Lucinda. *The City of London in Conan Doyle's Sherlock Holmes (1887-1927)*. Tese de Mestrado, Utrecht University, 2008.

- Horsley, Lee. "American Hard-Boiled Crime Fiction, 1920s-1940s." *Crimeculture*, [crimeculuture.com/?page\\_id=1427](http://crimeculuture.com/?page_id=1427). Acesso a 17/09/2020.
- Moore, Lewis D. *Cracking the Hard-Boiled Detective: A Critical History from the 1920s to the Present*. North Carolina: McFarland & Company, Inc., 2006
- Pittard, Christopher. "Victorian Detective Fiction: An Introduction." *Crimeculture*, [https://www.crimeculture.com/?page\\_id=135](https://www.crimeculture.com/?page_id=135). Acesso a 17/09/2020.
- Poe, Edgar Allan. "Murders in the Rue Morgue." *The Complete Tales and Poems of Edgar Allan Poe*. Penguin Books, 1982.
- Rockler, Michael. "Sam Spade, Existential Hero?." *Philosophynow*, [https://philosophynow.org/issues/75/Sam\\_Spade\\_Existential\\_Hero](https://philosophynow.org/issues/75/Sam_Spade_Existential_Hero). Acesso a 17/09/2020.
- Worthington, Heather. "From The Newgate Calendar to Sherlock Holmes". *A Companion to Crime Fiction*. Blackwell Publishing, 2010.